

Coimbra, 15 de Janeiro de 2007

Caro Director do Público:

No dia 27/10/2006 enviei uma carta ao Provedor sobre a qual basearia a sua crónica “Uma Forma de Plágio”. No passado domingo (7/01/07), após ter lido a crónica do Provedor escrevi uma carta ao Provedor mencionando que, por mim, o assunto estaria encerrado. Estaria longe de pensar que poderia tomar o caminho e proporções que tomou. Por isso, sinto que devo acrescentar algo ao que tem sido escrito.

Quando escrevi a primeira carta ao Provedor fi-lo na intenção de que esta deveria servir para alterar procedimentos menos correctos.

É importante que não tenha “caído em saco roto” e sirva para despoletar uma saudável discussão sobre o assunto.

Devo dizer que, mais tarde (16/12/2006), ainda antes de escrever a sua primeira crónica, o Provedor me contactou pedindo-me um original do texto. Na altura não percebi se o original que mencionava se referia ao texto da jornalista Clara Barata ou se “do original da presumível tradução que referi”. Enviei-lhe indicações de alguns *sites* nos quais se contava o da “wikipédia”. Nunca lhe mencionei o site da notícia do “New Scientist”. Isto mostra que o Provedor fez um trabalho de pesquisa sério.

Parece-me ser consensual que a escolha e designação de um Provedor obedece a requisitos que pressupõem, entre outros, a existência de uma sabedoria inerente à experiência e desempenho da profissão. Os assuntos por ele abordados deveriam merecer sempre uma atenção séria e não um desmerecimento do valor (ou conteúdo) das suas crónicas. Claramente pareceu ser esta última a postura inicial da jornalista.

Tal como o Provedor, penso que a jornalista não distinguiu o essencial do resto. E o essencial é que existiu comportamento incorrecto. O que choca é o não reconhecimento imediato do erro por parte da jornalista. Numa área sensível como a ciência é imperativo existir um cuidado redobrado. Relembro, com as devidas distâncias, um trabalho de 22 de Janeiro de 2006 que saiu na Secção Sociedade-Ciência, pág. 32, “Sistemas de Financiamento Científico Promovem a Fraude”, e as caixas que nele são reportadas. Embora a fraude (científica) seja o assunto desse artigo, a linha separadora entre fraude e plágio é por vezes muito ténue. Em muitas situações misturam-se.

A discussão sobre a troca de “e-mails” parece razoavelmente bem documentada (convém no entanto ler ambas as cartas -jornalista & provedor- do dia 11/01/07). Do que é facultado (textos disponibilizados no blogue e crónicas do Provedor), a forma como o provedor actuou parece-me correcta. O Provedor tem obviamente o seu estilo próprio. Parece claro que desejava -mostrando isso por diversas vezes- que a jornalista se retratasse e fizesse a sua *mea culpa*. Ao invés a jornalista optou por alguma sobranceria e, num tom de alguma agressividade, argumentar com comentários criticáveis que mais parecem configurar o que em linguagem popular comumente se descreve como “a melhor defesa é o ataque” evitando deste modo uma clarificação do que se impunha.

Relativamente às conclusões do CR do Público (comunicado de 12/01/2007).

No ponto B, é mencionado o facto de “as frases serem sobre dados factuais e não plágio de ideias”. Mas então o artigo padece de um mal de raiz: o de ter sido assinado.

Se não o tivesse sido ou se por exemplo na caixa tivesse sido utilizado “fonte: wikipédia” e no texto principal aparecesse, por exemplo em nota de rodapé, algo como “Nota: este texto foi adaptado de xxx e de

[www.newscientist.com/channel/health/mg19125704.100-tan-stimulant-may-bronze-eventhe-fairest-skins.html](http://www.newscientist.com/channel/health/mg19125704.100-tan-stimulant-may-bronze-eventhe-fairest-skins.html).” por certo nada disto teria acontecido.

Penso ser de importante considerar o Ponto C) Recomendação alíneas a, b e c) do comunicado do CR; nomeadamente no que diz respeito a

“(…)clarificar e uniformizar os critérios de citação usados em todo o jornal(…)”.

Não parece ser problemático inserir 5-6 citações num texto desta natureza (por ex. com letra mais pequena e no final do texto). Existem numerosas formas de apresentar referências bibliográficas (ou outras), por exemplo:

Ozby, E. *Science*, vol. 311, pag. 189 (2006).

E se existirem muitas referências sobre um tema, por certo se pode procurar um trabalho onde essas referências apareçam e acrescentar no fim “e referências nele citadas”.

Não creio que tal procedimento seja inviável por falta de espaço.

Por último e talvez de algum relevo (e por isso dizia na minha carta ao Provedor que o assunto já não era novo) existem exemplos semelhantes que foram reportados por este mesmo Provedor; ver crónicas “[Autoria, Primeira Parte](#) por Rui Araújo” 21 de Maio de 2006” e “[Autoria, Segunda Parte](#) por Rui Araújo - 28 de Maio de 2006”.

Evitar a repetição deste tipo de situações deve merecer uma atenção especial do Director do Público e do CR.

A secção de Ciência do Público é inovadora no espaço jornalístico nacional e possui qualidade. O melhoramento de procedimentos deve ser uma constante.

Não me escondo atrás da figura do anonimato. Penso no entanto que este tipo de assuntos merece ponderação e não um jogo de comentários (alguns já sem nada a ver com o assunto servindo inclusive para ataques a uma secção) que normalmente estão associados num “blogue”. Por isso envio esta carta para o seu email pessoal, dando igualmente conhecimento ao Provedor. Disponha para qualquer esclarecimento que julgue necessário.

Com os meus melhores cumprimentos

J. Sérgio Seixas de Melo